Homofobia e efeminação na literatura brasileira: o caso Mário de Andrade[1]

Jorge Vergara[2]

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Brasil)

Resumo: Mário de Andrade – escritor, intelectual e líder da Semana de Arte Moderna – foi criticado pela Revista de Antropofagia em 1929 e pelo jornal Dom Casmurro em 1939. Nas páginas da Revista, o amálgama de misoginia, homofobia e "preconceito de cor" verte-se exclusivamente sobre ele. O jornal Dom Casmurro reavivou os estigmas de cor e gênero para criticar a sua atuação intelectual. Todavia os temas da homossexualidade e da efeminação atribuídas ao escritor, ainda que trazidos à baila, são recorrentemente evitados em sua correspondência, na crônica jornalística e na literatura especializada. A ignorância social da realidade individual elementar evidencia a opressão e a vergonha socialmente instauradas.

Palavras-chave: Homofobia; Efeminação; Revista de Antropofagia; Jornal Dom Casmurro; Mário de Andrade.

Abstract: Mário de Andrade – writer, intellectual and leader of the 1922 Semana de Arte Moderna – was subject to criticism on the pages of Revista de Antropofagia in 1929 and of the newspaper Dom Casmurro in 1939. It is towards him exclusively that the Revista directs its blend of misogyny,

[1] *Homophobia, Effeminacy and Brazilian Literature: the case of Mário de Andrade.* Este texto faz parte do projeto de doutorado que se tornou possível graças à bolsa de estudos concedida pela CAPES. Data de submissão: 10/11/2015. Data de aprovação: 30/11/2015.

[2] Jorge Vergara possui graduação em Piano (2005) e mestrado em práticas interpretativcas (2013) pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Seu atual interesse é o estudo da relação entre a repressão, a formação da sexualidade e a musicologia. Email: jorge-ortiz77@yahoo.com.br

homophobia and "colour prejudice". Dom Casmurro reignites colour and gender stigmata to diminish the writer's intellectual career. Albeit occasionally brought to the fore in their connections with Mário de Andrade, issues of homosexuality and effeminacy are insistently avoided in his correspondence as well as in press articles and in the literature about him. The social ignorance of such an elementary individual reality betrays oppression and socially engendered shame.

Keywords: Homophobia; Effeminacy; Revista de Antropofagia; Dom Casmurro; Mário de Andrade.

Em 1929 a *Revista de Antropofagia* publicou críticas nas quais Mário de Andrade foi chamado de "Miss São Paulo", "Miss Macunaíma", "Dona Maria", "a mais genuina representante da antropofagia feminina no Brasil" e "comadre também, e das boas". Sua postura estética foi repreendida e a maneira de redigir *Macunaíma* imitada: "Interpelada que foi a feiticeira craúna [Miss Macunaíma] principiou respondendo ás nossas perguntas, tão avidamente, que nem formiga sauva destalando boneca capim panasco" (*Diário de São Paulo,* 14 abr. 1929, p.6; 8 mai. 1929, p.12; 26 jun. 1929, p.12[3]).

Opressão social nas críticas contra Mário de Andrade

A leitura dos artigos mostra que, para o grupo que dirigia a *Revisa de Antropofagia*, Mário afastou-se do projeto modernista ao imitar Olavo Bilac e Vicente de Carvalho, ao divulgar e escrever de forma positiva a respeito de escritores menores, ao escrever sobre autores católicos quando alguns grupos católicos argumentavam de maneira fanática[4], ao produzir a imagem imerecida de líder para si mesmo, e ao criar uma relação de subserviência com escritores iniciantes[5].

Oswald de Andrade assinou o artigo "Os tres sargentos" com o pseudônimo Cabo Machado. Acusa colaboradores da primeira fase da revista de militar em prol da falta de originalidade. As alusões a textos "de amor" e "marotas" são referências para feminizar o labor epistolar de Mário com os jovens do interior mineiro. Mário foi cifrado na figura do líder insuficientemente másculo até para o papel de

[3] Todas as citações da *Revista de Antropofagia* ou do *Diário de São Paulo* provêm da *Revista de Antropofagia*: *Reedição da revista literária publicada em São Paulo, 1ª e 2ª "dentições", 1928-1929 obra facsimilar.* Introdução de Augusto de Campos. São Paulo: Metal Leve, 1976.

[4] Se a ação do integralismo no Brasil se tornou mais intensa na década de 1930, o discurso de seu líder Plínio Salgado já era conhecido (KLEIN, 2004, p.3). Igualmente, a ação anti-semita da revista *A ordem* (1921) e do *Centro Dom Vital* (1922), associada a católicos conservadores como Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima, já existia na década de 1920 (BEN-DROR, 2007, p.231). Sabe-se que Menotti del Picchia publicou certo artigo anti-semita em 1935 no jornal *Cidade de Olympia* (RIBEIRO, 2007, p.369). Para Scantinburgo, os modernistas da Semana de 1922 se apropriaram do modelo europeu do modernismo, principalmente a versão de Marinetti, e a crítica ao catolicismo (e não só aos seus discursos extremos) foi parte importante do modernismo enraizado no século dezenove (2001).

[5] Um resumo das críticas a Mário de Andrade pode ser lido no artigo de Oswaldo Costa "Resposta a Ascenso Ferreira" (*Diário de S. Paulo,* 19 jul. 1929, p.12).

guerreiro da falsidade passadista.

> Os srs. Alcântara Machado (o Gago Coutinho[6] que nunca voou) e Mario de Andrade (o nosso Miss São Paulo[7] traduzido em masculino), iniciaram a guerra contra a original idade. Só a chatice, a copia e a amizade é que prestam. Os dois ilustres Molinaros[8] do modernismo estão vendo sériamente ameaçadas pela rudeza da Antropofagia as suas sistematicas e marotas atas falsas. As cartinhas de amor para Cataguazes já vão arrepiadas como freiras durante a invasão militar. (*Diário de S. Paulo*, 14 abr. 1929, p.6).

A efeminação conferida a Mário contamina a crítica dirigida a Antonio Alcântara Machado, através da imagem do aviador que jamais arremessou. A referência à tradução é o sinal para a masculinidade não-autêntica, fabricada ou artificial imputada a Mário de Andrade e associada à sua atuação artística. É tal a frustração que Cabo Machado chama Mário de "ignorantão"[9] e Tamandaré descreve suas cartas com os literatos como "correspondência amorosa com o que ha de mediocre na intelectualidade do Brasil inteiro" (*Diário de S. Paulo,* 14 abr. 1929, p.6; 24 abr. 1929, p.10). A entrada para Mário de Andrade do *Dicionário de Bolso* de Oswald de Andrade (edição póstuma e corrigida) guarda referências à *Revista de Antropofagia* e ao poema de Mário que inspirou as piadas de Oswald. Ele percebeu a argumentação do poema como resistente à mensagem do "Manifesto Antropofago", ambos publicados na mesma revista. "*Mário de Andrade*. Macunaíma traduzido[10]. Autor de uma canção para fazer o seringueiro dormir em vez de se revoltar. De outra, para quando encontrar o capitão Prestes, engambelá-lo com nomes de peixes e atrapalhar assim a revolução social." (ANDRADE, O., 1990, p.106).

O poema "Manhã" de Mário de Andrade foi publicado na capa:

> Tinha um sossego tão antigo no jardim,
> Uma fresca tão de mão lavada com limão
> Era tão marupiara e descansante
> Que desejei... Mulher não desejei não, desejei...
> Si eu tivesse a meu lado ali passeando
> Suponhamos, Lenine, Carlos Prestes, Gandhi, um desses!...
>
> Na doçura da manhã quasi acabada
> Eu lhes falava cordialmente: - - Se abanquem um bocadinho

---

[6] Gago Coutinho é referência a Carlos Viegas Gago Coutinho (1869-1959), geógrafo português, conhecido como aviador.

[7] O concurso Miss Brasil apareceu nos jornais da época. Na sua coluna "Taxi – 'Miss Brasil'", Mário de Andrade faz crítica ao concurso, argumenta que a ideia da mulher associada apenas à beleza não fomenta a emancipação feminina (*Diário Nacional*, 20 abr. 1929, p.3).

[8] Referência a José Molinaro, cabo eleitoral corrupto e sanguinário: "Conhecendo bem as suas aptidões para galopim eleitoral, o perrepismo paulista alçou-o à chefia da capital" (*Diário da Manhã*, 28 dez. 1928, p.3).

[9] O texto é a resposta de Oswald à coluna de Mário no *Diário Nacional* (11 abr. 1929, p.3).

[10] A personagem de *Macunaíma* é percebida como positiva por Oswald. Mas o texto é satírico: "Macunaíma é uma sátira irritada, por muitas partes feroz. Mas brasileiro não compreende sátira, em vez, acha engraçado" (ANDRADE, M., [1939] 1993, p.12).

> E havia de contar pra êles os nomes dos nossos peixes
> Ou descrevia Ouro Preto, a entrada de Vitoria, Marajó,
> Coisa assim que puzesse um disfarce de festa
> No pensamento dessas tempestades de homens. (*Revista de Antropofagia*, maio 1928, p.1).

No poema, o autor registra as imagens que seriam usadas para criticá-lo. Mário se descreve numa ilha de sossego, conta como gostaria de transmitir essa alegria aos líderes das revoluções, homens mais desejáveis do que mulheres. A ideia da nuance, da dosagem da força foi percebida como covarde e feminina. A associação com Wilde aparece no verbete: “Muito parecido pelas costas com Oscar Wilde”, frase suprimida, mas presente no manuscrito IV (ANDRADE, O., 1990, p.124).

Para os redatores da *Revista de Antropofagia, Macunaíma* representa ataque ao cristianismo e merece elogios. Tamandaré[11] insiste no assunto da colonização cultural e da decomposição da cultura européia:

> O christianismo, que nos combatemos com tanta coragem, encontra nele [*Macunaíma*] a primeira tacapada séria que na sua cabeça já se deu após os festins de Cunhambebe[12] e outros heróes de bastante caráter [...] Continuamos, ainda depois, escravos do Ocidente, escravos do catolicismo, escravos da cultura européa caindo de podre [...] Já alguns desses modernistas estão começando a dizer que São Paulo é feio, que o Brasil é feio. Não se assustem. Eles estão copiando o europeu, a quem Europa-feia lançou nos braços da arte negra e de todos os exotismos. É essa a psicologia dos fracassados. (*Diário de S. Paulo*, 14 abr. 1929, p.6).

As piadas ilustram o sentido pouco modernista que os líderes da *Revista de Antropofagia* atribuem a esse período da produção de Mário. O uso do feminino para repreendê-lo foi relacionado à sua frouxidão e falta de atitude intelectual. A *Revista de Antropofagia* também o acusa de rodear-se de jovens adolescentes do sexo masculino e aplica-lhe com exclusividade a figura da pederastia: "Ora, nós fomos, apenas, amabilíssimos, diante do quadro revoltante que, ao chegar, tivemos aos nossos olhos. Meninos impúberes como os de Cataguazes[13], já concordando num sistema de tróca de influencias com o sr. Mario de Andrade." (*Diário de S. Paulo*, 8 maio 1929, p.12).

No mês seguinte, no artigo anônimo “Expansão antropofágica”, o assunto retorna: “E em Belo-Horizonte, ninguem olha com simpatia pra esses transbordamentos liricos de Mario de Andrade pela meninada serelépe” (*Diário de S. Paulo*, 12 jun. 1929*,* p.10). Mário de Andrade registrou opinião na

[11] Pode-se deduzir que Tamandaré é o pseudônimo de Oswaldo Costa pela publicação do “Moquem 2” no *Diário da Manhã* de Victoria (21 jul. 1929, p.4) assinado por Costa: o texto é o mesmo do “Moquem II – Hors'd oeuvre” do *Diário de S. Paulo* (14 abr. 1929, p.6).

[12] Um dos líderes da tribo Tupinambá.

[13] Coluna *Moquem V. – Cafézinho* de Tamandaré. Escritores da cidade de Cataguazes como Rosário Fusco já haviam publicado poemas e textos na primeira fase da *Revista de Antropofagia* em 1928. Fundaram sua própria revista modernista em 1927. Fusco manifesta afeto na correspondência com Mário: “O meu coração dentro de seu coração”; “O pessoal já está falando mal de mim aqui por causa do meu rabicho por você” (FUSCO, 1927, p.1; 1928, p.1). Também do grupo de Cataguazes, Henrique de Rezende se queixa das críticas à influência de Mário de Andrade sobre seu grupo, mas não cita autores ligados ao grupo da *Revista de Antropofagia*, e sim A. F. Schmidt, Edmundo Lys e alude a figuras do Rio de Janeiro (REZENDE, 1929a, p.2; 1929b, p.3). O que Mário escreve no dia 9 de abril de 1929 no *Diário Nacional* é resposta ao artigo de Rezende do dia 7 de abril de 1929.

coluna "Taxi": "Essa influência recíproca [com os rapazes de Cataguazes] foi a bonita das amizades sinceras, carteadeiras, cheias de sinceridades, até brutas certas feitas. Isso foi o que o mundo não poude ver e não gosou." (*Diário Nacional*[14], 9 abr. 1929, p.6).

Dois dias depois, na mesma coluna, Mário continua a comentar a influência entre escritores e seu despreparo intelectual: "Isso é fruta (sic) da nossa deslavada ignorancia. Literato brasileiro oitenta e cinco por cento dos casos é um ignorantão [...] Liberdade! Sinceridade! (Falta de critério! Falta de caracter!) Nós lavamos a roupa suja em publico." (*Diário Nacional*, 11 abr. 1929, p.3).

Ao ressaltar o afeto entre escritores, aquela crítica à amizade sugere homofobia. É difícil saber até onde esse afeto podia manifestar-se sem incômodo. Em carta de 16 de dezembro de 1925, Manuel Bandeira revela profunda intimidade com Mário de Andrade. Mas Bandeira não foi rotulado de efeminado.

> Você tem uma natureza retalhada de mil direções afetivas e certas coisas que eu não saberia dizer agora quais são me aporrinham, mas você disse uma coisa baita na sua carta que é aquela atenção paterna com que eu quero que suas coisas fiquem excelentes. Mas ainda isso eu poderia explicar do seguinte modo: eu carrego uma porção de coisas que não sei exprimir; você sente essas coisas como eu por exemplo a vida brasileira; quando eu vejo uma coisa dessas expressa por você sinto uma doçura indefinível – tão doce que agora fiquei com os olhos cheios de água só de aludir a isso! (BANDEIRA, [1925] 2003, p.88).

"Cabo Machado" é o nome do poema que Mário de Andrade publicou no livro *Losango Cáqui*[15]. O poema retrata a personalidade, a vestimenta e o corpo moreno de certo jovem militar: "Cabo Machado é delicado gentil./ Educação francesa mesureira./ Cabo Machado é doce que nem mel/ E polido que nem manga-rosa." (ANDRADE, M., 1926, s.n.p.). Ele já havia divulgado seu poema "Cabo Machado", e a revista tinha publicado a sátira assinada sob o pseudônimo Cabo Machado, quando Tamandaré escreve em 24 de abril de 1929 que Mário "se confessa no *Cabo Machado*". Em meio ao conjunto de críticas surge uma convocação inesperada. Tamandaré demanda outra postura:

> Não gostei, porém, das amarguras que Mario pôz no seu mingau. Mingau não queremos, Mario. Queremos amor. Aquele amor gostosissimo que voce botou nas estrofes de *Cabo Machado*. Mas sem o incenso do côro de Santa Efigenia. Com a pimenta de *Macunaíma*, com que você queimou os beiços gulosos da Santa Madre Igreja (*Diário de S. Paulo*, 24 abr. 1929, p.6).

---

[14] O *Diário Nacional* era o órgão oficial do Partido Democrático. Mário escreveu para o jornal entre 1927 e 1932 (LOPEZ, 2014, p. 5). Segundo Sergio Miceli, Mário de Andrade foi um dos líderes intelectuais do grupo que atuava no Partido Democrático (2001).

[15] Mário alega que a recepção do livro foi difícil: "Porque os mesmos insultos extraliterários se repetem incansavelmente desde 1920 até agora. O *Losango* você não pode imaginar que escândalo e que irritação causou aqui. A *Folha da Noite* soube que andou por mais de semana me insultando diariamente" (ANDRADE, M., [1926] 2000, p.274). Helios explica: "Livro absurdo, injustificado, irritante e pedante [...] As larvas passadas por corpos. Os monstros por normalidades" (*Correio Paulistano*, 24 jan. 1926, p.6).

A matéria se desdobra, pois Tamandaré havia refinado seu argumento na crítica ao livro *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado:

> A simplicidade com que ele se refere, cheio de horror, ao pecado sexual e aos 'vicios nefandos' do índio não é fingida, é sincera, e isso é que faz pena [...] Mas ainda existe, porventura, mesmo depois de Freud, o 'pecado sexual'? Outra bobagem! [...] O sr. Paulo Prado fixando – depois de Havellock Ellis! – os limites do 'normal'. Do largo do Arouche até o largo do Paysandu' é normal. Do largo do Paysandu' em diante é anormal. Engraçadissimo. Tudo literatura. (*Diário de S. Paulo*, 7 abr. 1929, p.?).

É sintoma da covardia atribuída a Mário o argumento de Oswaldo Costa: "O que lastimo, exatamente, é que Mario recalque a parte do bode" em artigo no qual diz que ele oculta o "negro" por "medo da Santa Madre Igreja"[16]. O aspecto surpreendente das últimas citações relacionadas com "[Mário] se confessa no *Cabo Machado* [...] Queremos amor. Aquele amor gostosissimo que voce botou nas estrofes de *Cabo Machado*"[17] e com "não consegue deixar de explodir dentro dele o negro bom [...] O que lastimo, exatamente, é que Mario recalque a parte do bode"[18] diz respeito a que Mário devesse ostentar sua sexualidade – as experiências do corpo em oposição à sua espiritualidade católica, e sua negritude – impor sua cor e a ascendência dela à sociedade brasileira. Em vez de pensar que os termos "Miss" ou "Dona" são escárnios contra a suposta homossexualidade ou efeminação de Mário de Andrade, pode-se inferir que são críticas à representação precária de "Miss" e "negro": que ele não foi suficientemente explícito, que as representações de "Miss" e "negro" foram personificações envergonhadas[19].

Contudo, o discurso da revista não é coerente, seja no ataque aos modernistas pouco ousados ou no uso da crítica e da ironia. Em artigo que coexiste com outro da autoria do próprio Mário de Andrade, a piada mostra seu aspecto misógino e não suporta nenhum duplo sentido: o chiste que ataca Mário porque este tem "Muitas alunas, nenhum discípulo!" (*Diário de S. Paulo*, 31 mar. 1929, p.6) não sugere qualquer subversão do senso comum ou da vivência social da época. Na *Revista de Antropofagia* (1928-1929) não existem críticas a outros autores nas quais os aspectos misóginos e homofóbicos se coagulem no mesmo indivíduo: o excesso de afeto nas relações entre homens, a ausência de discípulos masculinos, a amizade pederasta entre o mestre adulto e seus alunos adolescentes, e principalmente a atribuição pejorativa do feminino à figura masculina.

[16] Oswaldo Costa, em "Resposta a Ascenso Ferreira" no *Diário de S. Paulo* de 19 de julho de 1929. Carlos Drummond de Andrade é qualificado de "cretino". O texto de Costa é reimpresso na coluna "Jardim das vaidades" de Miss Flirt, no diário *A Manhã* de 28 de julho de 1929.

[17] *Diário de S. Paulo,* 24 abr. 1929, p.10.

[18] *Diário de S. Paulo*, 19 jul. 1929, p.12.

[19] A necessidade de distinção social exige dos intelectuais a produção de comportamentos ou produtos culturais desviantes para estabelecer a separação simbólica deles em relação ao resto dos indivíduos na sociedade onde atuam (BOURDIEU, 2010; 2007).

Em artigo dirigido a Tristão de Athayde, após elogiar e citar *Macunaíma* como exemplo antropofágico ("nossa Odysseia"; "O macunaima é a maior obra nacional"), Oswald de Andrade sugere "fazer um levantamento topographico da moral brasileira, a funda sexualidade do nosso povo", quando ele indica sua crítica ao catolicismo tradicional e europeu (1928, p.3). Entre outras coisas, Oswald estava preocupado com a liberalidade em relação ao casamento, mas não é possível discernir até onde podia ir seu desejo de contradizer aquilo que o senso comum entendia por liberdade sexual[20].

Da mesma forma, Oswaldo Costa cita Sigmund Freud e o tema da sexualidade em argumentos que podem parecer libertários. Exceto a leitura que atribui à *Revista de Antropofagia* o pedido para Mário ostentar sua negritude e efeminação, os textos não aludem a outras possibilidades. Mesmo sendo claro o uso de Freud, do surrealismo e da proposta antropofágica de Oswald, para Benedito Nunes as questões da sexualidade na antropofagia podem ser relacionadas à crítica da "moral convencional, o casamento monogâmico" ou à "dominação política da Igreja" (1986, p.24). O que na atualidade se poderia chamar de feminismo (voto feminino, igualdade de salários, aborto, etc.) ou de liberação homossexual (não criminalização da efeminação e da homossexualidade, direito a expressar a sexualidade em público, etc.) não encontra nenhuma outra referência nos textos[21].

Ainda sobre a questão da postura envergonhada, é necessário comentar algumas atitudes de Mário em relação à sociedade. A carteira de identidade que ele usava em 1927 o descreve assim: "cutis: Branca" (MONTEIRO; KAZ, 1998, p.90), situação que Jardim explica ao dizer que naquele tempo as pessoas na posição social de Mário dificilmente poderiam ser tratadas como mulatos nos documentos oficiais (2015b, p.102,105). Mário de Andrade não teve responsabilidade pelo registro do documento oficial, mas tinha poder sobre o que podia escrever. Por exemplo, ele interferiu para contestar o senso comum, de maneira indireta e subversiva através do retrato da amizade entre dois adolescentes do mesmo sexo no conto *Frederico Paciência*: "custei a retirar os olhos daquela boca tão linda [...] Não saíamos da casa dele com medo de mostrar a um público sem nuanças, a impaciência das nossas carícias". Também, de maneira direta, quando sublinhou as peraltices, roubos, audácias, trabalhos mal executados e a contestação da violência simbólica do "preconceito de cor", contestação feita através da arte pelo seu biografado, o Padre Jesuíno do Monte Carmelo (1764-1819), descrito pelos termos "mulato", "pardo", "negro", de origem humilde e filho de mãe solteira (ANDRADE, M.,1947, p.117-118; 1945, p.134,35).

---

[20] O *Manifesto Antropófago* de Oswald de Andrade foi publicado no primeiro número da *Revista de Antropofagia*. Ele usa Freud: "Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciarias do matriarcado de Pindorama" (*Diário de S. Paulo*, mai. 1928, p.7). Serge Voronoff também é citado no manifesto e não se explica o motivo. Ele é mencionado nos textos médicos porque fazia transplantes de testículos, o que alguns acreditavam poder curar a homossexualidade (CUPERSCHMID; CAMPOS, 2007).

[21] A exceção é o artigo anônimo "a ordem social e a indumentária" que transcreve o texto de certa operária encarcerada por usar roupas masculinas, e o artigo "O travo" de Sebastião Dias sobre transexualidade ou hermafroditismo (*Diário de S. Paulo,* 16 jun. 1929, p.10; out. 1928, p.6).

No artigo "miss macunaima", assinado por Octacilio Alecrim, a representação feminina de Macunaíma e de Mário está associada à cor da pele: "apertámos a mão bronzeada de 'Miss Macunaíma' ao rytimo sonoro da despedida guarany" (*Diário de S. Paulo,* 26 jun. 1929, p.12). A seção registra a entrevista fictícia que teria sido feita à "Miss Macunaíma" por ocasião de sua viagem ao Nordeste. O único indivíduo masculino no grupo com o qual Mário viajou era ele próprio. Porém, não é claro se esse foi o motivo de Mário ser tratado pelo termo "Miss". O texto é divertido, mas os nomes indígenas, o feminino e o eufemismo a respeito da cor da pele se tornam signos de pouco valor.

O uso pejorativo dos termos "cartas de amor", "correspondência amorosa", e freiras "arrepiadas" durante a "invasão militar"[22], reforça o binarismo das ideias de dominação masculina, o privilégio do controle e do mando. A força do insulto, a condenação pública aos homens que trocam cartas de amor ao mesmo tempo em que nessa sociedade as mulheres estavam quase excluídas de participar na vida pública e a participação feminina na literatura era mínima comparada com a masculina, aparece no enigma dos homens que não podem se expressar além de certa convenção, convenção explícita e tácita segundo a qual haveria limites impostos à masculinidade.

O processo de críticas ocorreu na segunda dentição da revista, quando publicada no *Diário de S. Paulo* no ano de 1929 e atingiu os mais variados autores: Alceu Amoroso Lima, Yan de Almeida Prado, Paulo Prado, Menotti del Picchia, Alcântara Machado, Plínio Salgado e outros. Nenhum dos outros escritores recebeu críticas tão agressivas quanto Mário de Andrade, são condenações que integram o "preconceito de cor" à misoginia e à homofobia. As piadas da *Revista de Antropofagia* não provam que Mário tivesse identidade homossexual e não demonstram que Mário fosse efeminado. Esses insultos indicam que a homofobia era um meio de controle social. Através desses artigos é possível entender quanto a vigência social da homofobia era concreta e mais visível do que a homossexualidade ou a efeminação.

Não é possível entender a percepção social a respeito dos efeminados: talvez fossem percebidos como ameaça a ser evitada, ou como pessoas ridículas, ou então como pessoas abjetas passíveis de desprezo, mesmo que não precisassem ser levadas a sério. Esse sentido do abjeto não é claro, e não se conhece nenhum documento que aborde tais aspectos nas disputas entre os modernistas no início do século vinte no Brasil. O assunto dos limites do masculino não diz respeito apenas a que o homoerotismo ou a homossexualidade constituíssem práticas excluídas do comportamento público de determinado grupo social. Esses limites são parte da construção social que impunha a todos os homens (homossexuais ou não) as regras da normalidade pública possível naquele momento da História.

O grupo em torno do manifesto da *Revista de Antropofagia* era dirigido por Oswald de Andrade e

[22] Artigo "Os tres sargentos" assinado por Cabo Machado no *Diário de S. Paulo,* 14 abr. 1929, p.6.

Oswaldo Costa[23]. A revista tinha entre seus contribuintes amplo espectro de escritores. Alcântara Machado e Eduardo Jardim alegam que Oswald de Andrade invejava a posição de Mário, pois o próprio Oswald gostaria de ser considerado mentor do movimento modernista. (MACHADO, 2003; JARDIM, 2015b). Raul Bopp afirma que Mário não pretendia envolver-se com o grupo da *Revista de Antropofagia*, pois nesse grupo seria apenas um dos líderes, e ainda, que Mário não concordava com suas propostas (1966, p.78).

Não existe consenso entre os autores consultados a respeito da origem e das condições da disputa entre Mário e Oswald de Andrade. Eles se conheceram em 1917, quando Oswald ouviu Mário fazer discurso no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Para Jardim, o desentendimento entre Mário e Oswald começou desde que se conheceram. Silva diz que o princípio da disputa seria o fato de Mário ter criticado o livro *Serafim Ponte Grande*, de Oswald, em torno de 1923 (JARDIM, 2015b; ANDRADE, G., 2013; FONSECA, 2008; SILVA, 2009). João Silvério Trevisan responsabiliza Oswald de Andrade pelo teor homofóbico das críticas da *Revista de Antropofagia* (2002, p.257); já James Green afirma a homossexualidade de Mário de Andrade e atribui a ruptura entre Mário e Oswald aos textos de 1929 da *Revista de Antropofagia* (2001, p.63-64; 2000, p.104,148,182; 1999, p.881).

Outra questão surge na leitura da *Revista de Antropofagia* quando Tamandaré cita Sigmund Freud e Havellock Ellis[24] para argumentar contra o texto de Paulo Prado. Pode-se inquirir até que ponto tais disputas pela primazia cultural, pelo sentido do modernismo no Brasil funcionavam de maneira teatral, como representação social, quando impressionam pela competência e virtuosismo. Sabe-se que Mário de Andrade leu Freud[25], e que Freud foi amplamente divulgado, porém se pode supor que Havellock Ellis não seria conhecido pelo leitor do jornal. No entanto, até metade do século vinte no Brasil, especialistas atuantes na área médica em esferas administrativas publicaram textos nos quais a homossexualidade era considerada doença mental[26].

Não se conhecem dados que apontem o grau de erudição dos leitores do *Diário de S. Paulo* na década de 1920. Segundo Sergio Miceli, os autores modernistas produziam textos que "se destinavam a um público bastante reduzido de iniciados, pertencentes a famílias abastadas da oligarquia local e que detinham as chaves para decifrar tais obras". A vida intelectual era dominada pela grande imprensa, o lugar social onde escritores disputavam seus pontos de vista (2001, p.97). Quanto é possível deduzir dos documentos a respeito dos limites sociais da masculinidade? Qual o funcionamento da convenção

---

23 O revezamento da secretaria da revista (na segunda dentição) era feito por Geraldo Ferraz, Jayme Adour da Câmara e Raul Bopp (NUNES, 1972; CAMPOS, 1976).

24 Ellis é um sexólogo que influenciou o pensamento da época sobre o assunto. Após o julgamento de Oscar Wilde em 1895, seu livro, *Sexual Inversion*, foi proibido por obsceno na Inglaterra (SHOWALTER, 1993, p.225).

25 Segundo Lopez, o contato de Mário com os livros de Freud se dá entre 1922 e 1923 (2011, p.18; 1972, p.105).

26 Por exemplo, Edmur de Aguiar Whitaker, *Contribuição ao estudo dos homosexuaes*, de 1937; Leonidio Ribeiro, *Homosexualismo e endocrinologia* em 1938; ou Whitaker et al, *Estudo biográfico dos homosexuais (pederastas passivos) da capital de São Paulo*, de 1939.

social dessa classe nos elogios, acusações ou insultos? Como o público interpretava o sentido de tais discursos?

O jornal *Dom Casmurro,* do dia 2 de setembro de 1939, apelidou Mário de Andrade de "sub-Wilde mestiço". O artigo anônimo, "A solidão é triste", circulou na época em que Jorge Amado era o redator chefe. *Dom Casmurro* teve circulação nacional e vendia 59 mil exemplares por semana (LUCA, 2011). Mário de Andrade fez parte do expediente e das colunas, e, de maneira semelhante ao que aconteceu em 1929, teve certos aspectos de seu pensamento criticados com palavras que remetem à homossexualidade e ao "preconceito de cor":

> Sempre nos mereceu Mario de Andrade a maior simpatia intelectual e o maior respeito [...] Baseada nessa simpatia e nesse respeito é que comentamos a atitude crítica dos seus últimos rodapés, dizendo de nossa estranheza deante da posição de guarda-civil da linguagem com que o grande de 'Macunaíma' se transformava num sub-Wilde mestiço. Assim foi Mario de Andrade de profunda injustiça quando (na crónica em que, respondendo ao nosso comentário, definiu a sua posição de crítico) afirmou que a observação que fazemos foi 'maldosa por motivos que ignoro'[27] [...] O que nós discutimos é o seguinte: no momento atual do mundo a questão 'forma na obra de arte' não é evidentemente questão primordial. O importante é a mensagem do artista, o conteúdo de sua obra, muito mais que sua forma. Basta ater o repetido exemplo do modernismo: movimento falhado porque se trouxe uma fabulosa renovação na forma ele, era absolutamente conservador no conteúdo. Se fossemos classificar os movimentos literários e os livros em função do sexo, teríamos que o modernismo foi um movimento 'feminino', se preocupando apenas com a roupa; enquanto, por exemplo, o movimento de ensaios e romances post-modernistas foi um movimento 'macho', preocupado com o conteúdo (*Dom Casmurro*, 2 set. 1939, p.2).

No artigo, o nome Wilde tem caráter pejorativo, sobretudo junto às considerações em que "feminino" é o adjetivo da arte pouco inovadora e despreocupada com o social. Diferentemente, Mário de Andrade fez referências a Oscar Wilde já no seu segundo livro de poesias, *Paulicea Desvairada* (1922). O significado abjeto associado ao nome de Wilde lhe permite usar o imaginário relacionado à prisão por sodomia[28] como signo associado a algum tipo de subversão:

> Os homens passam encharcados...
> Os reflexos dos vultos curtos
> mancham o *petit-pavé*...
> As rôlas da Normal
> Esvoaçam entre os dedos da garoa...
> (E si pusesse um verso de Crisfal[29]
> No De Profundis?...)

---

[27] Referência ao artigo de Mário "A raposa e o tostão" no *Diário de Notícias* (27 ago. 1939, p.2). Desde o início de 1939 Mário escreve sobre a qualidade técnica da arte como parte da sua utilidade social.

[28] No artigo sobre Oscar Wilde publicado por Havelock Ellis em 1918, a carta publicada (*De Profundis*) é explicada como pedido de perdão. Além da comiseração em relação a ele, Wilde é descrito com as limitações intelectuais próprias da época: "Ele foi um poeta cheio do que pareciam poses, uma artista feminina em corpo de homem. Antes do nascimento de Wilde, sua mãe desejava uma filha"; "Ele foi mulher tanto quanto homem, uma pessoa mais excepcional do que genial" (ELLIS, 1918, p.191, tradução nossa).

[29] Anagrama do nome do poeta Cristóvão de Souza Falcão (1515-1547?), cujo livro de poesias consta na estante de Mário de Andrade (GUARANHA, 2009, p.274).

> De repente
> um rádio de Sol arisco
> risca o chuvisco ao meio. (ANDRADE, M., 1922, p.105-106).

A preocupação com a guerra que se avizinha é o argumento do redator para exigir de Mário uma atitude que sirva para "melhorar os homens enlouquecidos". Esse jeito exaltado lhe permite fazer aquelas afirmações tão simples a respeito dos gêneros (*Dom Casmurro*, 2 set. 1939, p.2). A correlação de feminino e forma (adereço, moda, roupa) contra masculinidade e conteúdo (essência) reduz a análise das obras de arte de qualquer espécie.

No dia 12 de agosto de 1939, o jornal *Dom Casmurro* publicou outro artigo, sem título, que caracteriza Mário de Andrade como aquele que ganhou espontaneamente o título de mestre de seus jovens alunos e logo os abandonou, pois não foi capaz de escrever de forma adequada ao momento. Em artigo com título que faz alusão à impotência masculina ("Gallo capão"), explicitamente dirigido a Mário, Flávio de Campos o acusa de frequentar bares, compor artigos só para conseguir dinheiro e escrever sobre o próprio Flávio de Campos sem ler seu livro na íntegra[30] (*Dom Casmurro* 23 dez. 1939, p.2). Em carta a Moacir Werneck de Castro do dia 9 de janeiro de 1940, Mário de Andrade demonstra conhecer o teor da publicação, pois reclama da atitude de Jorge Amado. Não é impróprio supor que Mário tivesse lido o artigo no qual foi chamado de "sub-Wilde mestiço". "É sublimemente paupérrimo quando um Jorge Amado me telefona discordando do artigo do Flavio de Campos, saindo numa revista que êle 'dirige' e argumentando que si saiu foi por questão de ética entre jornalistas o que obriga a deixar cada um com sua liberdade." (ANDRADE, M., 1940, p.1-2).

Alguns dias após o aparecimento do artigo de Flávio de Campos, Mário escreve a Murilo Miranda (30 de dezembro de 1939), conta-lhe sobre sua doença e que seus amigos em São Paulo sabiam dos acontecimentos a respeito dele no Rio de Janeiro. Mário se refere ao processo de críticas do jornal *Dom Casmurro*:

> E é só. Já três dias de S. Paulo mas ainda não saí de casa. Um muito por causa da doença e um pouco pela felicidade do lar. E a romaria. Não sei como descobrem, farejam que chego e tem sido não acabar de amigos e adesistas, com seus aplausos a mim, seus carinhos e as indignações vermelhas contra os últimos acontecimentos. (ANDRADE, M., 1981, p.50).

Depois da morte de Mário de Andrade, *Dom Casmurro* publicou dois artigos, no dia 7 de abril de 1945 e 14 de julho de 1945, panegíricos à memória de Mário de Andrade, nos quais as questões

---

[30] Flávio de Campos responde à crítica de Mário do dia 17 de dezembro de 1939 no *Diário de Notícias*. O artigo anônimo de 2 de setembro fez parte de um processo maior de críticas a Mário de Andrade. No mesmo dia, Joel Silveira explica que Jorge Amado já tinha criticado Mário, como resposta a temática dos artigos deste no *Diário de Notícias* (*Dom Casmurro,* 2 set. 1939, p.2). Para maiores detalhes ver Moraes (2007, p.162-166).

anteriores são ignoradas[31]. O autor do artigo anônimo do dia 2 de setembro de 1939 escreveu que Mário não se arriscava, e Mário de Andrade admitiu a crítica na conferência que fez em 1942 sobre o movimento modernista: "E si percorro a minha obra já numerosa e que representa uma vida trabalhada, não me vejo uma só vez pegar a máscara do tempo e esbofeteá-la como ela merece. Quando muito lhe fiz de longe umas caretas. Mas isto, a mim, não satisfaz." (ANDRADE, M., 1942, p.74-75).

É quase impossível saber o que de fato Mário pensou do teor dos insultos que recebeu através da *Revista de Antropofagia*, porque não se conhecem registros específicos. Mas é evidente que não gostou do processo. Em carta a Werneck de Castro comenta: "Não hesitei em me separar do Oswaldo", enquanto outros estavam amedrontados "com a violência dos ataques dele[32]" (ANDRADE, M., 1941, p.2). Na sua missiva a Tarsila do Amaral, de 4 de julho de 1929, Mário recusa certo convite porque não consegue perdoar Oswald de Andrade:

> Espero que esta carta seja lida confidencialmente apenas por você e Osvaldo pois só a você é dirigida. [...] Por isso mesmo que a elevação da amizade sempre existida entre você, Osvaldo, Dulce e eu foi das mais nobres e tenho certeza que das mais limpas, tudo fica embaçado pra nunca mais. É coisa que não se endireita, desgraçadamente, pra mim. Mas devo confessar a você que sob o ponto-de-vista de amizade, único que me pode interessar como indivíduo, nada, absolutamente nada se acabou em mim. Se deu apenas uma como que transposição de planos, e aqueles que faziam parte da minha objetividade cotidiana, continuaram amigos nessa espécie de ambiente de anjo em que o espírito da gente descansa mais, povoado de retratos bons. E então eu, que não fui feito pra esquecer, não será possível jamais que eu me esqueça nem de ninguém nem de nada. Nenhum sentimento desagradável permanece em mim e se acaso alguém confiar a você alguma queixa ou acusação feita por mim contra quem quer que seja de sua família, eu garanto que mente. Pedi aos meus companheiros de vida e até a amigos que nem Couto de Barros, que não me falassem em certos assuntos. [...] Asseguro a vocês – tenho todo o meu passado como prova e vocês me conhecem espero que bem – que as acusações, insultos, caçoadas feitos a mim não podem me interessar. Já os sofri todos mais vezes e sempre passando bem. E nem uma existência como a que eu levo pode se libertar deles. (ANDRADE, M., 2001, p.105,106).

Aracy Amaral comenta essa carta de forma específica. Na edição do seu próprio livro *Tarsila*[33]*,* a carta foi omitida "por pudor":

> Era a carta mais confidencial e, se a omitimos, foi por pudor, pelos termos com que Mário a inicia, pela emoção que ela transmite e me contagiou. [...] Provavelmente muito aguardada por pesquisadores ansiosos por especular sobre a intimidade de nosso meio cultural num passado relativamente recente, trata-se da carta em que Mário de Andrade comunica a Tarsila sua ruptura com Oswald de Andrade, embora, como se pode ver, sem especificar de maneira totalmente clara as razões imediatas desse rompimento. Isto é: permanece velada a razão última para a gota d'água que se daria nesse mês de julho de 1929. (AMARAL, 2001, p.25).

---

[31] Redigidos por Ney Guimarães e Mário da Silva Brito, respectivamente.

[32] Existe outro caso que é reproduzido sem citar fontes; segundo o especialista em literatura do modernismo, Mário da Silva Brito: "Dizem que há um artigo de Oswald, terrível, chamado *Boneca de Piche*, em que ele diz que no Mário de Andrade conviviam um mulato, um padre, um hipócrita, uma coisa assim, não me lembro bem como é, mas era uma coisa altamente ofensiva, e que isto foi lido pelo Mário à saída de um jantar que ele tivera com o Oswald. Mas essas coisas eu jamais consegui apurar." (BRITO, 2008, p.132).

[33] Aracy A. Amaral. *Tarsila: sua obra e seu tempo.* São Paulo: Perspectiva, 1975.

Em carta a Murilo Miranda, datada de 10 de julho de 1944, Mário de Andrade solicita que não lhe peça para perdoar Oswald de Andrade. Ele não é claro a respeito daquilo que o deixou tão aborrecido:

> Mas, olhe, Murilo, meu irmãozinho, eu achava ótimo que V. não perdesse nunca mais duas páginas de carta me falando no indivíduo com quem você jantou carneiro na Urca. Na verdade jantou porco. Mas eu não tenho nada com isso, nem jamais nunca exigi dos meus amigos a mais mínima espécie de solidariedade com o único ódio que me depaupera e suja. Ódio, nem é bem ódio: será ódio apenas pela obrigação moral de odiar um indivíduo que se chafurdou nas maiores baixezas do insulto e da infâmia pessoal. [...] É quase comodismo V. esquecer com tanta felicidadinha sua, que você mesmo veio me falar, e bem dolorido não esqueço, que certas coisas que ele escrevera sobre mim, 'era demais'. Era demais, sim, eu nunca li, mas *sei* que era demais. (ANDRADE, 1981, p.167).

Na carta a Manuel Bandeira, do dia 11 de maio de 1929, Mário de Andrade teria exposto suas ideias sobre a disputa entre os modernistas de São Paulo, mas Bandeira suprimiu a parte onde ele comentava o caso: "Nota MB: *A reticência significa a supressão de largo trecho inicial da carta, que seria indiscreto divulgar*" (ANDRADE, M.; BANDEIRA, 2000, p.417). A preocupação com as maneiras por parte de Bandeira impede de ler aquilo que Mário teria pensado a respeito da luta entre esse grupo de escritores. Ele não contestou publicamente as ofensas que recebeu. Mário se comportou como se tivesse escolhido ignorá-las, como se a indiferença fosse uma das possibilidades.

Referências à homossexualidade na literatura especializada

O termo homossexualidade surgiu na literatura recente a respeito de Mário de Andrade para nomear certos aspectos do seu caráter. O escritor Moacir Werneck de Castro foi o primeiro a expor o tópico em *Mário de Andrade: exílio no Rio*. Ele alega ter reconhecido isso após ter convivido com Mário, e relata o assunto de maneira dúbia: descreve-o dentro do normal, mas sugere traços de efeminação:

> Éramos muito mais moços, os do grupo da *Revista Acadêmica* que convivemos no Rio com Mário de Andrade. Não nos passava pela cabeça atribuir ao nosso amigo qualquer coisa como um 'estigma' de homossexualismo. Nada havia em seu comportamento conosco, nem mesmo na desinibição ao fim das grandes chopadas, que o denotasse. Pelo contrário, era rígido em termos de conduta, julgava com severidade nossas falhas e leviandades 'cariocas'. Parecia natural, próprio de sua personalidade, um certo dengo, a maneira engraçada de dizer, por exemplo: 'Ah, que gostosura' ou escandindo as sílabas: 'uma de-lí-cia!'. Era o jeito dele. (CASTRO, 1989, p.93).

Paulo Duarte cita a mesma expressão: "Você [...] comentou com aquela expressão bem nossa conhecida: '– Que de-li-í-cia!...'" sem lhe atribuir nenhum traço de efeminação, nem no fragmento já citado nem ao longo de todo o livro dedicado ao amigo (1971, p.355). Werneck de Castro conclui que o sofrimento de Mário de Andrade pode ser compreendido através do sequestro e sublimação da

sexualidade. Ao evocar a publicação de críticas com teor homofóbico em diferentes artigos da *Revista de antropofagia*, ele as explica pela postura acanalhada de seus inimigos, fruto dos preconceitos e tabus do período. Retoma João Luiz Lafetá e a psicanálise: a poesia revela a descida ao inconsciente do escritor. "O tema da castração limita com o tema da homossexualidade", e, no caso de Mário, "várias das imagens apontam para este núcleo problemático"[34] (LAFETÁ, 1986, p.117).

A escritora Rachel Queiroz conviveu pessoalmente com Mário de Andrade e lhe dedica um capítulo na sua autobiografia. Além de "viado", Mário era "mulato", coisa que "todo mundo sabia", mas ninguém era capaz de dizer. Ela argumenta: "Tenho a impressão que a vida pessoal de Mário era muito vazia. Talvez porque ele não ousasse assumir o seu sufocado homossexualismo" (1998a; 1998b, p.112,115). Para decifrar a homofobia social é necessário considerar que as pessoas podem perceber determinado feitio sem registrá-lo ou enunciá-lo publicamente.

Carlos Drummond de Andrade reage de maneira diversa, pois nada declara nem deixa registro da possível efeminação ou homossexualidade do amigo. Mas emite opinião sobre o assunto na entrevista feita em 1984, parcialmente publicada na *Folha de S. Paulo*: "Devo dizer que o homossexualismo sempre me causou certa repugnância, que se traduz pelo mal-estar. Nunca me senti à vontade diante de um homossexual" (ANDRADE, C. 1984, p.20; apud BORTOLOTI, 2012, p.4). O comportamento de Mário podia ter esta ou aquela conotação para esta ou aquela pessoa. Podia gerar silêncios tácitos ou ajustes a convenções dificilmente perceptíveis. Porém, Drummond apoiou publicamente Mário quando a *Revista de Antropofagia* o atacou: "Para mim toda a literatura não vale uma boa amizade" (*Diário de S. Paulo*, 19 jun. 1929, p.10).

Os argumentos de Castro, de Queiroz e outros são retomados no livro de João Silvério Trevisan, *Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. A homossexualidade estaria na poesia e em alguns contos. O tema teria sido alvo de censura por parte da família e do meio acadêmico. Trevisan qualifica de ridicularização os comentários da *Revista de Antropofagia* e afirma que Mário sofria com os boatos:

> O escritor Antonio Callado, que ainda jovem o conhecia do Rio, contava como Mário 'tinha que manter uma linha diferentíssima', para contornar os mexericos que o tachavam de homossexual. Extremamente pudico, seu ex-secretario mencionava apenas 'aquela coisa muito triste do Mário', para explicar o motivo da ruptura com Oswald de Andrade. (TREVISAN, [1986] 2002, p.258).

Na única biografia sobre Mário, Eduardo Jardim analisa o sofrimento dele nos seus últimos anos de vida. Afirma que Mário foi homossexual, embora não julgue necessário se deter no assunto: "Mário

[34] "Quase tudo de sua vida amorosa encontra-se envolvido em segredo, pois as pessoas que conviveram com ele evitam falar sobre o assunto, temendo parecerem indiscretas ou ferirem susceptibilidades de contemporâneos ainda vivos" (LAFETÁ, 1982, p.5).

de Andrade experimentou a atração sexual, seja por mulheres ou por homens" (2015b, p.136). Jardim não usa a palavra bissexual para explicar a sexualidade de Mário, mas fica implícito. Alega que a homossexualidade não é o elemento central da biografia de Mário de Andrade e de qualquer outra:

> Um verdadeiro tabu cerca a homossexualidade do poeta. A preocupação com o assunto ganhou tanta importância que existe a impressão de que ela é o elemento central da sua biografia. Aliás é curioso que a homossexualidade ganhe relevo em muitas biografias, como se fosse alguma forma bizarra de experiência. Houve outros escritores homossexuais ou bissexuais e o tema da homossexualidade apareceu em diversos momentos da nossa literatura. No caso de Mário, o mistério sobre o assunto, mesmo depois de Moacir Werneck de Castro, que o abordou diretamente, alimentou todo tipo de especulação, inclusive preconceituosa. (JARDIM, 2015b, p.135).

Dez anos antes, Jardim havia considerado que a homossexualidade permite compreender o autor e sua obra: "Isso [sua orientação homossexual] esclarece, sobretudo, aspectos da pessoa e da produção do ficcionista, em especial, do contista Mário de Andrade". Ele parece dar muita importância ao testemunho de Castro para concluir que Mário era homossexual (JARDIM, 2005, p.38). Na biografia não há discussão acerca da maneira que se atribui ou não homossexualidade a Mário de Andrade. Ele cita a obra de Castro e Lafetá e não menciona os textos de Trevisan ou Queiroz, mas tudo acontece como se fosse possível escrever que Mário é isto ou aquilo, e ignora-se a evasão que atravessa a quase totalidade dos textos que analisam a obra de Mário de Andrade.

Jardim explica o episódio no qual Mário foi chamado de "Miss Macunaíma", argumentando que o termo "Miss" seria a provocação por Mário ter feito sua viagem ao Nordeste em 1929. Para ele, toda aquela conjuntura era, em geral, "pura provocação", e depois disso, Mário e Oswald nunca se reconciliaram (JARDIM, 2015b, p.96; 2015c). Jardim se recusa a explicar a associação entre a viagem ao Nordeste, Mário de Andrade e "Miss".

Membro da Academia Brasileira de Letras desde 1986, Lêdo Ivo publicou pela Imprensa Nacional e o Ministério da Educação e Saúde *Lição de Mário de Andrade* em 1952[35]. A arguição do artigo de 2 de setembro de 1939, do jornal *Dom Casmurro*, foi usada de maneira mais sofisticada. Primeiro, Ivo acusa Mário de não ter experiência humana à altura da sua função pública:

> Sempre sofreu de pobrezas psicológicas e até morais imperdoáveis num artista de sua importância histórica e pessoal [...] Êle foi um escritor que não teve nenhum drama cosmogônico e não sentiu, a não ser do ponto de vista paisagístico e pitoresco, o mistério de viver como um homem diante do universo. (IVO, 1952, p.4).

A busca por fontes populares é interpretada pela incapacidade de Mário de Andrade para

[35] Em anúncio de jornal se escreve que o livro é parte das "comemorações da Semana de Arte Moderna, promovida pelo Ministério da Educação" (*A Manhã* 13 jul. 1951, p.11).

construir narrativas originais e concernentes à realidade brasileira.

> Chega a constituir uma evidência opressiva a natureza aristocrática de sua obra [...] Sempre foi buscar nas fontes populares o ornato precioso, o elemento pitoresco ou esotérico coerente [...] um poeta de arquiteturas definidas, que passará anos debruçado sôbre si mesmo, sôbre o amor de si mesmo, sôbre a erudita miséria de si mesmo (IVO, 1952, p.6,10).

A obra de Mário é chamada de formalista porque limita a expressão pessoal[36]. Quando Ivo comenta as cartas de Mário a Manuel Bandeira, ele reutiliza a figura do intelectual alheio ao mundo, aquele tão preocupado com os protocolos estéticos que desistiu até do matrimonio. De maneira semelhante ao que foi escrito em 1939, ele relaciona essa imagem ao jeito feminino da escrita de Mário:

> [...] recentemente publicadas no suplemento *Letras e Artes*[37]; embora se apresentem como documentos vulneráveis da existência do grande escritor, pela mesquinhez de alguns de seus assuntos e pelo seu maneirismo efeminado, elas testemunham o ritornelo da obsessão que perseguiu o autor do 'Rito do Irmão Pequeno'[38] em sua vida que dispensou até a mudança de estado civil, para consumir-se num conúbio apaixonado com a criação literária e a cultura amealhada através de uma dedicação quase religiosa: a forma, a respiração e a fatalidade de sua obra. (IVO, 1952, p.8).

Ivo escreve que ele teria consciência de que seus maneirismos de escrita são fruto da sua covardia:

> Seus cacoetes, seus maneirismos, que êle sinceramente reconheceu ao referir-se certa vez à sua ausência de dor varonil, estendem-se todos à esfera estilística. Mário de Andrade apresenta-se como um artista sadio, que não transplantou para a arte os seus dramas pessoais, esquivando-se como indivíduo para sobressair como esteta [...] quase não lutou como criatura, que só soube lutar como criador (IVO, 1952, p.15,17).

Neste ponto fica claro que todas as alusões à "lição", "dor varonil", "desumanidade" ou "aristocratismo" provêm da conferência de Mário sobre o movimento modernista.

> E eu que sempre me pensei, me senti mesmo, sadiamente banhado de amor humano, chego no declínio da vida à convicção de que faltou humanidade em mim. Meu aristocratismo me puniu. Minhas intenções me enganaram [...] Vítima do meu individualismo, procuro em vão nas minhas obras, e tambem nas de muitos companheiros, uma paixão mais temporânea, uma dor mais viril na vida. Não tem. Tem mas é uma antiquada ausência de realidade em todos nós [...]

[36] Em entrevista feita em 1947, Ivo argumenta que o problema não é a forma ou a ordem, e sim o fato de determinado autor não relacionar a estética da obra com a realidade e ainda copiar formalismos alheios: "Os novos sentem perfeitamente que há em literatura um aspecto formal que não deve nem pode ser desprezado. A arte começa onde termina a invenção. E esta é um problema de estilo. A verdade é que estamos cansados de modernismo e post-modernismo. É a ordem e não a desordem, o que procuramos através da aventura" (1947, p.15). Também comenta que "os modernistas eram os depositários de uma lição invencível: a reinvenção formal" (IVO, 1949, p.4), que se relaciona diretamente com o argumento do texto de 1952, quando chama de mentirosa a visão de Mário enquanto escritor "desvairado", sem forma ou caótico (IVO, 1952, p.3).

[37] Suplemento literário da revista *A Manhã* do Rio de Janeiro. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

[38] Primeiro conjunto de poemas do "Livro Azul", dedicado a Manuel Bandeira.

> Mas [os modernistas] podemos servir de lição. (ANDRADE, M., 1942, p.73-74,79).

Entretanto, Ivo conclui que Mário de Andrade é "um dos nossos maiores poetas, um dos nossos maiores críticos, um dos nossos maiores romancistas", e ainda, que Mário é o mais típico dos representantes da Semana de Arte Moderna de 1922, o grupo definido pela sua "desumanidade", pois "transpiram uma intelectualidade que, pela sua auto-suficiência, chega a ser insuportável" (IVO, 1952, p.16-17,20). Os exemplos positivos para Ivo são do grupo de escritores nordestinos surgidos após 1930, por exemplo, José Lins do Rego. Em texto publicado em 2004, Ivo insiste nas categorias de pensamento que remetem à maneira de criticar a obra de Mário em 1952:

> A prosa de José Lins do Rego tem a limpidez e a festividade das fontes castiças e o vigor da seiva que percorre as grandes árvores. É uma prosa seminal e espermática, assentada na origem e no berço, e enriquecida por uma formação literária e humana que soube assimilar as vozes da vida e o rumor do tempo (IVO, 2004, p.147).

"Origem e berço" associados a José Lins do Rego não aludem à aristocracia, e se o fazem, não é de forma pejorativa. Ivo se expõe como antimodernista, pertencente ao grupo de autores que em 1945 decidiu rejeitar os discursos modernistas do grupo paulista de 1922: "Como todos os movimentos e seitas radicais, o Modernismo paulista não ficou imune à imposição do Terror – esse terror nas letras tão temido pelos talentos periféricos" (2008, p.62). Em conferência de 1949 no Museu de Arte de São Paulo e publicada no jornal *A Manhã*, Ivo apresenta opinião que esclarece seu modo de ver o modernismo paulista:

> Quero crer que essa fácil adesão de 1945 às exigências e sugestões das vozes oficiais de 1922 ou 1930 tem sido a principal responsável pelo processo social de minha geração, tôda ela de suplementos abertos, gratamente remunerada em rodapés [...] Pertencemos a um movimento que não quer realizar a sua própria revolta. (IVO, 1949, p.12,14).

A ideia de Ivo da falta de sofrimento pessoal em Mário de Andrade pode ser decifrada pela percepção de Mário enquanto escritor obediente aos interesses das oligarquias paulistas, e enquanto intelectual que nunca sofreu dificuldades materiais e que não as entendeu[39]. A "ausência de dor varonil" e o "maneirismo efeminado" são índices homofóbicos, pois para Ivo fez sentido que Mário fosse criticado de forma maniqueísta com termos que aludem à falta de virilidade em razão de sua covardia pessoal associada ao seu formalismo estético.

Mário de Andrade usa o termo "viril" para dizer que ele próprio e seu grupo de modernistas não

[39] Esse argumento segundo Silveira: "o sr. Mario de Andrade bem alimentado e bem instalado na vida, não iria logicamente voltar-se, na sua defesa, contra os cincoenta mil réis [os grandes autores]. Voltou-se contra os tostões [os escritores menores]. Quem escreveu o comentário contra êle foi um Crespi da literatura [Jorge Amado]" (Dom Casmurro, 2 set. 1939, p.2).

foi suficientemente responsável frente aos problemas do Brasil. Que não se sacrificaram. A falta é atribuída a si mesmo e ao seu próprio grupo. A ideia da homofobia permite entender porque para algumas pessoas as alusões à falta ou carência de um atributo não podem ser atribuídas a si mesmo. Apenas a terceiros.

Não há argumento para compreender a personalidade de Mário quando se faz a interpretação de sua obra e se ocultam os processos de críticas da *Revista de Antropofagia* ou do jornal *Dom Casmurro*, processos claros em vestígios a respeito da opressão social do período. Existem muitos textos que comentam a sexualidade de Mário de Andrade. Mas a opressão social percebida através da leitura da *Revista de Antropofagia* ou dos artigos do jornal *Dom Casmurro* foi ignorada. As palavras mais comuns são: difícil, complicada ou pansensual. Mesmo se Mário de Andrade as utilizou a respeito de si mesmo, não deveriam ser consideradas ilustrativas. São sinais de evasão e ocultação do assunto por parte de quem repete o argumento ou formas de inaptidão para expressar aquilo que é relevante.

A professora da Universidade de São Paulo e especialista em Oswald de Andrade, Maria Augusta Fonseca, escreveu uma biografia sobre Oswald e dois livros de divulgação, a respeito de Mário e Oswald respectivamente. Na biografia ela explica que a ruptura definitiva entre eles se deu na segunda fase da *Revista de Antropofagia*, ignora o sentido homofóbico dos ataques a Mário e afirma que este nunca os perdoou (2013; 2008, p.30; 2007, p.112,211,214,275). Cita a facécia de Oswald, na qual Mário seria "Muito parecido pelas costas com Oscar Wilde" (FONSECA, 2007, p.273). Aquilo que pode ser publicado em 1929, 1939 ou 1990 não é mencionado nem interpretado. Evita-se:

> E aí se enerva também a sua sexualidade, ponto frágil e brumoso na vida de Mário, que parece imerso num emaranhado de problemas, sua 'selva escura'. Tem mil razões e mil faces: a feiura, um amor de criança rejeitada, a severidade do pai que não compreendeu o temperamento sensível e angustiado do menino, a vida desregrada e boêmia, em choque com o cotidiano da casa, o solteirão que sempre viveu na companhia da mãe, cercado de tias e familiares, todos muito católicos, como ele mesmo. Arrumava válvulas de escape. E certas angústias pessoais, por exemplo, foram transfundidas nos poemas e em textos de ficção. Em *Contos novos*, isso se dá em 'Frederico Paciência', 'Peru de Natal', 'Tempo da camisolinha', 'Vestida de preto'. (FONSECA, 2013, p.15-16).

Telê Ancona Porto Lopez, professora da Universidade de São Paulo, especialista em teoria literária e literatura comparada, é autora de vários textos a respeito de Mário de Andrade. Ela fez parte da Equipe Mário de Andrade, comissão que cuidou do material lacrado do escritor a partir de seu depósito no Instituto de Estudos Brasileiros (MORAES, 2000). Em carta a Drummond de Andrade solicita opinião a respeito do assunto problemático:

> V. já recebeu o livro *A imagem de Mário*, [...] Gostaria de saber o que achou, ou melhor, como viu minha maneira de tocar no ponto delicado da sexualidade: a Assunção de Murilo e o desenho, desenho de Mário, tão moderato cantábile: homem em fuga no plano do fundo... Não sei se dá para passar ao leitor que o respeito envolve o historiar... Por favor, me diga com

> franqueza. (LOPEZ, 1980, p.1).

O "respeito" que envolve o historiar é familiar àquela censura que Manuel Bandeira impôs ao pensamento de Mário. Tais maneiras escondem a opressão e a vergonha social que não suporta as pessoas que se comportam de maneira supostamente anormal; tais descrições são o compromisso com a ignorância social sobre a realidade mais elementar dos indivíduos.

No livro citado, *A imagem de Mário*, foi transcrita parte da carta a Sérgio Milliet, de 1923, em que Mário conta sua reputação de "pederasta", mas não há considerações (MONTEIRO; KAZ, 1998, p.128). O livro também contém o artigo "O riso e o rictus" de Lopez, no qual não há nada que possa ser considerado esclarecimento para a sexualidade de Mário. A escritora cita determinada passagem na qual Mário de Andrade confessa ter tido atividade sexual. Qual? Mário não diz e Lopez não explica:

> Mas me domina o delírio uma consciência de culpa. Que deriva nestes poemas do Grã Cão de Outubro[40]. Só quando, acalmado em dezembro, a sexualidade se exaure e todas as experiências se conjugam em mais uma desilusão, entro em algum equilíbrio de mim. É quando nasce o soneto 'Quarenta anos': uma verificação de idade, uma conscientização escrita de passado e do engano do que eu fui. (ANDRADE, M., apud LOPEZ[41], 1998, p.13).

Silviano Santiago, que escreveu o prefácio e as notas do livro com as cartas entre Mário e Carlos Drummond de Andrade, comenta que o rompimento definitivo acontece durante a segunda dentição da *Revista de Antropofagia*, sem descrever os motivos. Cita Aracy Amaral: "É só ler todas as páginas da *Antropofagia* no *Diário de São Paulo* para se ter esclarecida a razão do rompimento Mário-Oswald (apesar de para muitos 'ainda permanecer obscura')" (apud SANTIAGO, 2002, p.437). Nessa argumentação, o motivo da briga entre eles não foi anotado.

Aracy Amaral, organizadora das cartas entre Mário e Tarsila, mostra o teor das críticas e lhes nega relevância:

> Na segunda fase da revista, já na página dominical do *Diário de S. Paulo* sob o título de 'Os três sargentos', de 14 abr. de 1929, o 'Cabo Machado' – que chama Mário de '(o nosso Miss São Paulo traduzido em masculino)' – afirma que Alcântara Machado e Mário de Andrade 'estão vendo seriamente ameaçadas pela rudeza da Antropofagia as suas sistemáticas e marotas atas falsas' [...] Pouco antes da data em que Mário escreve a Tarsila, a 26 jun. 1929 a *Revista de Antropofagia* publicara sob o título desmoralizador de *Miss Macunaíma* um texto sem gravidade maior, a não ser o fato de que possa ter sido um aborrecimento a mais para o autor de *Paulicéia Desvairada*. (AMARAL, 2001, p.107).

---

[40] Conjunto de poemas que fazem parte da *Costela do Grão Cão*. Estes são os poemas que Castro e Lafetá dizem ser produto da "crise moral" ligada à repressão sexual de Mário de Andrade (LAFETÁ, 1986, p.39,41,117,198; CASTRO, 1989, p.92). Jardim afirma que foram escritos no pior momento da vida de Mário, que estão relacionados à "vivência de sexualidade" e que "suas experiências eróticas adquiriram uma força destrutiva" (2015b, p.130,132). O assunto surgiu cedo. Sérgio Milliet escreveu em termos parecidos a respeito de *Paulicea Desvairada*: "Há nesta, uma visível sublimação do amor sexual, ou mesmo platônico, no amor à cidade [de São Paulo]" (1946, p.63).

[41] "Anotação de Mário de Andrade em seu 'exemplar de trabalho' de *Poesias*. São Paulo, Martins, 1941" (LOPEZ, 1998, p.13).

Nas notas introdutórias que Augusto de Campos escreveu para a reedição da *Revista de Antropofagia*, ele tem ciência do modo pelo qual Mário foi tratado: "Em Mário de Andrade: 'o nosso Miss S. Paulo traduzido no masculino'... 'Salva-o Macunaíma'" (1976, p.6). E na recente edição facsimilar da *Revista de Antropofagia,* o professor de literatura brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Eucanaã Ferraz, descreve a segunda fase: "inequivocamente, uma trincheira de ataque a vários escritores modernistas, principalmente Mário de Andrade" (2014, p.20), sem maiores explicações. Em ambas as interpretações, as disputas artísticas e intelectuais do modernismo se dissociam acriticamente da análise do "preconceito de cor" e da homofobia.

Pedro Meira Monteiro, que fez as notas para a publicação da correspondência entre Mário e Sérgio Buarque de Holanda, argumenta que explicar Mário de Andrade apenas pelo ponto de vista da sexualidade é redutor: "Quando referida estritamente ao plano da vida sexual, a compreensão da existência convulsiva de Mário de Andrade costuma se empobrecer." (2012, p.342). Todavia, na sua análise o assunto não é abordado. O aspecto genérico da sua argumentação lhe permite ocultar a questão, pois ele não registra quem propõe tal tipo de abordagem redutora.

Marcos Antonio de Moares, professor do Instituto de Estudos Brasileiros e membro da Equipe Mário de Andrade, analisou as cartas de Mário de Andrade no livro *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. Ele comenta detalhadamente a disputa do jornal *Dom Casmurro* em 1939, parte da "rumorosa polêmica" em torno da falta de engajamento artístico de Mário (2007, p.163):

> No artigo ['A solidão é triste'], refere-se a Mário como 'guarda-civil da linguagem', 'sub-Wilde mestiço', descobrindo a covardia naquela 'volta desesperada à torre de marfim'. (MORAES, 2007, p.165).

Fruto dessa discussão entre escritores, Moraes cita o artigo anônimo "Mário de Andrade e os rapazes" da revista *Diretrizes* de 1939, no qual se menciona a associação entre efeminação e falta de engajamento artístico, ligação que Moraes nota:

> O articulista afirma que havia necessidade da esperança de Mário e que o desejavam no comando da luta: 'Não se quer um Mário de Andrade – Touro Ferdinando. O que se quer é um Mário de Andrade – Macunaíma'. Vale dizer, o mestre encantando-se com flores e não um Macunaíma seguindo os imperativos do próprio desejo. Como se vê, Macunaíma torna-se cedo personagem-símbolo da intrepidez no imaginário brasileiro, contaminando o seu criador, Mário de Andrade. A personagem da rapsódia contrapõe-se, no texto jornalístico, ao dócil Touro Ferdinando, desenho animado de Walt Disney exibido em 1938. Na verdade, Ferdinando ao se mostrar delicado amante da natureza e avesso à violência da arena, quebra o estereótipo da ferocidade do touro. No entanto, no Brasil, recebe pejorativamente o traço da passividade e o caráter efeminado. Nessa época, Fernando Mendes de Almeida, o amigo moço de São Paulo, em carta de 16 de agosto de 1939, escreve a Mário: 'Não vi o filme, mas soube o que o touro é o veado na fita'. (MORAES, 2007, p.165-166).

O texto mostra de forma indireta que "passividade e o caráter efeminado" são atributos da postura estética de Mário de Andrade. Entender por que tais predicados eram conferidos a Mário de forma recorrente e exclusiva, é questão que Moraes não percebe e não interpreta.

Anderson Pires da Silva, professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, é um dos poucos a escrever que nas páginas da *Revista de Antropofagia* "Oswald ironizava a masculinidade de Mário, chamando-o, de 'miss São Paulo traduzido no masculino'" (2009, p.94). No seu livro *Mário e Oswald: Uma história privada do modernismo* apresenta as mesmas associações que Moares em referência à polêmica de 1939: "sub-Wilde mestiço", "Mário-Ferdinando". Igualmente, ele não sente necessidade de perceber ou explicar a associação entre efeminação ou homossexualidade e a "postura conservadora" atribuída a Mário (2009, p.85-86).

Para Maria Augusta Fonseca, Telê Lopez, Silviano Santiago, Aracy Amaral, Augusto de Campos ou Eduardo Jardim a dominação masculina não é motivo de discussão dentro da percepção intelectual e artística do modernismo ou da vida social no Brasil do início do século vinte. Além do apontado aqui, não há registros do aspecto homofóbico e misógino da disputa entre este grupo de modernistas. Não consta nos textos que comentam a obra de Mário de Andrade e as disputas do modernismo. A exceção corresponde aos autores que cuidam da história da homossexualidade no Brasil: entre outros, James Green e João Silvério Trevisan são explícitos ao escrever sobre o tabu que cerca a vida de Mário de Andrade.

Em carta a Manuel Bandeira, de 7 de abril de 1928, Mário mostra sua percepção do impacto de seu caráter na sociedade.

> Está claro que eu nunca falei a você sobre o que se fala de mim e não desminto. Mas em que poderia ajuntar em grandeza ou milhoria pra nós ambos, pra você, ou pra mim, comentarmos e eu elucidar você sobre a minha tão falada (pelos outros) homosexualidade? Em nada. Valia de alguma coisa eu mostrar o muito de exagêro que ha nessas contínuas conversas *sociais*? Não adiantava nada pra você que não é individuo de intrigas sociais. (ANDRADE, M., 1928, p.3).

No livro *Correspondência: Mário de Andrade & Manuel Bandeira,* organizado por Marcos Antonio de Moraes e publicado no ano 2000, não consta a passagem na qual Mário usa a palavra homossexualidade e a seção onde ele elabora o tema, pois a carta permaneceu lacrada na Fundação Casa de Rui Barbosa até julho de 2015[42]. Na carta, Mário solicita que o assunto seja tratado com discrição:

[42] A Controladoria Geral da União através da Lei de Acesso à Informação determinou que a referida instituição admitisse a posse e permitisse o acesso a certa carta lacrada. Os artigos divulgam que Mário confessaria sua condição sexual a Manuel Bandeira (BORTOLOTI, 2015a; 2015b; COZER, 2015; MEIRELES; CAMPOS, 2015). Há mais de vinte anos se escreve que a carta lacrada está associada à homossexualidade de Mário (COUTO; CARVALHO, 1993; DECIA, 1997).

> Mas si agora toco neste assunto em que me porto com absoluta e elegante discreção social, tão absoluta que sou incapaz de convidar em companheiro daqui, a sair sozinho comigo na rua (veja com eu tenho a minha vida mais regulada que maquina de precisão) e si saio com alguem é porquê esse alguem me convida, si toco no assunto é porquê se poderia tirar dele um argumento pra explicar minhas amizades platonicas, só minhas. (ANDRADE, M., 1928, p.4).

Em carta endereçada ao escritor e amigo Sérgio Milliet, em 1923, Mário de Andrade manifesta ter consciência daquilo que seu comportamento podia provocar em terceiros:

> Noutra [descomponenda] o sujeito pensou que meu estilo era que usei para caçoar de Martins Fontes na última *Klaxon*! Imagina a esperteza crítica do tipo. Noutro o anônimo, furioso por causa dum artigo meu, chamou-me duma porção de 'cretinos', 'cabotinos', a lenga-lenga (tu compreends?) habitual e terminava dizendo-me pederasta! Já sabia da reputação. Não me surpreendeu. Será a celebridade que se aproxima? Eis-me elevado à turva apetitosa dúvida que *doira* a reputação de Rimbaud, Verlaine, Shakespeare, Miguel Anjo, Da Vinci...[43] (ANDRADE, M., 1971, p.289).

A "turva apetitosa dúvida" é a relação entre pederastia[44] e gênio artístico masculino, aspecto que pode ser considerado senso comum nos discursos sobre homossexualidade no início do século vinte. Tal argumentação (quase sempre sem fundamentação) é encontrada nos autores que escreviam sobre criminologia médica no Brasil e no hemisfério norte naquele momento. No caso brasileiro, pode-se citar *Homosexualismo e endocrinologia,* publicado em 1938 pelo médico criminalista Leonídio Ribeiro:

> E como é nos meios artisticos e literarios que é mais frequente essa anomalia [homossexualidade], ha serios perigos nesse proselitismo, especialmente para a mocidade desprevenida, sobretudo em relação com os livros e romances que exploram os desvios do amor, contaminando-se, por essa forma, os jovens com ideias e hábitos prejudiciaes ao desenvolvimento normal de suas funções sexuaes. (RIBEIRO, 1938, p.178).

O processo de críticas da *Revista de Antropofagia* e do jornal *Dom Casmurro* mostra que tanto a homofobia e a misoginia constituem parte do dispositivo da sexualidade, ou seja, são discursos historicamente construídos mediante os quais o poder modela o indivíduo (FOUCAULT, 1988). O processo de críticas mostra que apenas Mário de Andrade recebeu adjetivos relacionados ao feminino ou ao negro usados de maneira pejorativa. Posteriormente, o assunto foi evadido por grande parte da tradição literária. Isso é ilustrativo da forma em que esses discursos operam ao longo do tempo: algumas pessoas fazem críticas em cartas anônimas, em outras ocasiões pessoas diferentes (com

---

[43] Mário de Andrade conta que recebeu cartas anônimas durante toda sua vida e até presentes: "É triste lembrar, mas há vinte anos atrás tive de engolir maiores e mais numerosos insultos, até embrulho de bosta que vinha, com a assinatura (absolutamente ignorada) de quem mandava, o endereço, e as horas em que parava em tal ou qual lugar" (1940, p.2).

[44] Que sujeitos que são objeto de preconceito façam determinada apropriação positiva de termos pejorativos é o ponto inicial da teoria *queer* (MISKOLCI, 2012; SALIH, 2012; PRECIADO, 2011; HALPERIN, 2003). A normalização da linguagem (como o uso do x em meninxs ou a supressão de palavras com conotações patologizantes como homossexualismo) é insuficiente tanto para o enfrentamento e crítica do preconceito quanto para analisar e elaborar ideias a respeito do mundo.

pseudônimos ou o anonimato) publicam suas opiniões, e em momento distinto outras pessoas (deliberadamente ou não) evitam recolher ou interpretar tais dados. Ainda existe o momento em que, quando certos autores denunciam tal evasão, haverá quem argumente que não se pode discriminar ninguém pelo seu desejo sexual e que esse é assunto privado, que aqueles que fazem a denúncia têm discurso inconveniente ou redutor. Ou seja, propõe-se que a melhor opção é o silêncio. Portanto, não é nem a homossexualidade ou a efeminação, mas *é a homofobia a fronteira social que se deforma para atravessar todas essas práticas*.

Os documentos analisados mostram que a opressão social relacionava e tornava pejorativos os sentidos associados ao negro, mestiço, homossexual, efeminado e feminino; e que o feminino e o negro (e seus similares) são, quase sem exceção, percebidos como sentidos subalternos ou abjetos em algum grau.

Mário e Oswald de Andrade disputavam no mesmo lugar simbólico, o dos escritores modernistas. De família rica, Oswald fez trajetória característica da elite paulista. Mas em 1945 e 1950 ele tentou fazer prova para ser professor na USP e não conseguiu por não possuir a titulação. Ele podia ser acusado de apenas escrever poemas-piadas ou de ler pouco[45]. Por outro lado, Mário, autodidata e erudito, ganhou prestigio rapidamente. Por ocasião da fundação da Universidade do Distrito Federal, Mário foi convidado a lecionar mesmo sem ter curso superior, pois conseguira o prestígio social que Oswald nunca recebeu em vida. Entretanto, a ideia de que Oswald pudesse perceber Mário como pertencente a certo grupo social com o qual ele não se identificava pode sugerir outra leitura: Oswald fundou em 1931 um jornal comunista, foi agredido pelos alunos da Faculdade de Direito e o jornal foi fechado pela polícia. O indivíduo que criticava o cristianismo e as oligarquias na *Revista de Antropofagia* talvez percebesse Mário afetado demais com as questões estéticas e o catolicismo, como alguém que não nota sua inclusão na classe dirigente de São Paulo.

Mário de Andrade lida de várias maneiras com os discursos a respeito de sua pederastia. Quando comenta o assunto em carta a Sergio Milliet, Mário demonstra algum grau de orgulho, pois a pederastia liga seu comportamento à excelência artística de grandes nomes, como Oscar Wilde ou Leonardo da Vinci. Quando Oswald escreve na *Revista de Antropofagia* que ele seria “Miss São Paulo traduzido no masculino”, Mário sentiu-se ofendido pela letra impressa de alguém por quem sentia apreço e ao qual nunca negou reconhecimento artístico. A atitude de Mário em relação às piadas da *Revista de Antropofagia* – ignorar Oswald – e a rejeição às tentativas de reaproximação de Oswald mostram desprezo por alguém que poderia admirar e estimar. Quanto ao relato das fases de amizade e inimizade entre eles vê-se que se estas começam no tempo em que Oswald chama Mário de “meu poeta”, atravessam as

[45] Para Fonseca essa trajetória incluiria a Faculdade de Direito e sua atividade de escritor de jornais e revistas, mas “não chegou a conhecer sua consagração como grande escritor” (2008, p.11,88; 2007, p.23).

discussões do grupo de 1922, até que Oswald publica ideias homofóbicas sobre Mário em 1929, Mário decide que a palavra "ódio" explica o que sente por Oswald, e a tensão acaba com o choro de Oswald ao saber da morte de Mário.

Mário de Andrade não estava ajustado aos comportamentos sociais do mundo em que viveu. Ele podia ser percebido pelas imagens do efeminado ou do homossexual. Duas condições assemelhadas mas distintas. O processo de críticas homofóbicas e misóginas da *Revista de Antropofagia* e do jornal *Dom Casmurro* foi em grande parte ignorado pelas narrativas críticas ou históricas do modernismo. Isso pode ser explicado pela intensidade da opressão social. A análise da opressão social não pode elucidar a totalidade dos acontecimentos artísticos e intelectuais relevantes, mas não é possível entender a produção cultural sem analisar o sentido e a existência dos discursos e das práticas da opressão social.

REFERENCIAS

AMARAL, Aracy (Org.). *Correspondência: Mário de Andrade & Tarsila do Amaral.* Organização, introdução e notas de Aracy Amaral. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Entrevista concedida pelo poeta Carlos Drummond de Andrade à autora em 16 de junho de 1984. In: *Col. Maria Lucia do Pazo Ferreira.* Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional.

________________. Os Andrades se dividem. In: *Diário de S. Paulo,* 19 jun. 1929, p.10.

ANDRADE, Mário de. A raposa e o tostão. In: *Diário de Notícias.* Rio de Janeiro. Domingo 27 de agosto de 1939, p.2.

________________. *Contos Novos.* São Paulo: Martins, 1947.

________________. [Marginalia]. In: WILDE, Oscar. *Poems by Oscar Wilde with The Ballad of the Reading Gaol.* Fourteenth edition. London: Methven & Co., 1919. In: São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros.

________________. Manhã. In: *Revista de Antropofagia.* Anno I – Numero I, maio 1928, p.1.

________________. *Mário de Andrade: Cartas a Murilo Miranda (1934-1945).* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

________________. *O losango cáqui: Afetos militares de mistura com os porquês de eu saber alemão.* São Paulo: Casa Editora A. Tisi, 1926.

________________. *O movimento modernista: Conferência lida no salão de conferências da Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores do Brasil.* Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.

________________. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo.* Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Publicação Nº 14. Ministério da Educação e Saúde, 1945.

________________. Paulicéia 30-V-923. In: DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo.* São Paulo: Edart-SP Livraria Editôra, 1971.

________________. *Paulicea Desvairada.* São Paulo: Casa Mayença, 1922.

________________. *Poesias Completas 1.* 6ª edição. São Paulo: Martins, 1980.

________________. *São Paulo, 4 de julho de 1929.* In: AMARAL, Aracy (Org.). *Correspondência. Mário de*

Andrade & Tarsila do Amaral. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

________________. *S. Paulo, 7-IV-28*. Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, 07/04/1928. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

________________. *S. Paulo, 25-IV-41*. Carta de Mário de Andrade a Moacir Werneck de Castro, 25/04/1941. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros.

________________. *S. Pulo (sic), 9-1-40*. Carta de Mário de Andrade a Moacir Werneck de Castro, 09/01/1940. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros.

________________. Taxi – Influências. In: *Diário Nacional*. São Paulo, 9 de abril de 1929, p.6.

________________. Taxi – Casa de pensão. In: *Diário Nacional*. São Paulo, 11 de abril de 1929, p.3.

________________. Taxi – "Miss Brasil". In: *Diário Nacional*. São Paulo, 20 de abril de 1929, p.3.

________________. *Vida Literária*. Mariodeandradiando 1. Direção de Telê Ancona Lopez. Pesquisa, estabelecimento de texto, introdução e notas de Sonia Sachs. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1993.

ANDRADE, Mário de; BANDEIRA, Manuel. *Correspondência: Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Organização, introdução e notas: Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 2000.

ANDRADE, Gênese. Oswald de Andrade em torno de 1922: descompassos entre teoria e expressão estética. In: *Revista Remate de Males*, Campinas – São Paulo, Jan./Dez. 2013, (33.1-2): pp.113-133.

ANDRADE, Oswald. *Dicionário de Bolso*. Apresentação, estabelecimento e fixação do texto Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Globo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

________________. Schema ao Tristão de Athayde. Revista de Antropofagia. Anno I – Numero 5, Setembro – 1928, p.3.

A MANHÃ. *Lições de Mário de Andrade*. A Manhã, Rio de Janeiro, 13 de julho de 1951, p.11.

BANDEIRA, Manuel. [Carta a Mário de Andrade] Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1925. In: SANTIAGO, Silviano. *A República das Letras. De Gonçalves Dias a Ana Cristina César: Cartas de Escritores Brasileiros. 1865-1995*. Seleção, prefácio e notas de Silviano Santiago. XI Bienal Internacional do Livro. Rio de Janeiro, SNEL, 2003.

BEN-DROR, Graciela. As elites católicas do Brasil e sua atitude em relação aos judeus (1933-1939). Tradução: Gênese Andrade. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.). *O anti-semitismo nas Américas: Memória e história*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2007.

BOPP, Raul. *Movimentos modernistas no Brasil: 1922-1928*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966.

BORTOLOTI, Marcelo. A carta em que Mário de Andrade fala de sua homossexualidade. In: *Época*, 18/6/2015. <epoca.globo.com>. Acesso em 25 ago. 2015.

________________. A voz do poeta. Erotismo, poesia e psicanálise em entrevista inédita de Drummond. In: *Folha de S. Paulo*. – 4. Ilustríssima, domingo, 8 de julho de 2012. Edição de 08/07/2012. Acesso em 23 set. 2014.

________________. Os poemas secretos de Manuel Bandeira. In: *Época*, 19/6/2015. <epoca.globo.com>. Acesso em 25 ago. 2015.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: Crítica social do julgamento*. Tradução: Daniela Kern; Guilherme Teixeira. Rio de Janeiro: Zouk, 2007.

________________. *A dominação masculina*. Tradução: Maria Helena Kühner. 10ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand, 2011.

________________. *O poder simbólico*. 14ª edição. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand

Brasil, 2010.

BRITO, Mário da Silva. [Depoimento]. In: LOPEZ, Telê Porto Ancona (Org.). *Eu sou trezentos, eu sou trezentos e cincoenta: Mário de Andrade visto pelos seus contemporâneos*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. pp. 121-132.

________________. O inumerável Mário de Andrade. In: DOM CASMURRO. Rio de Janeiro, 14 de abril de 1945, p.3.

CAMPOS, Augusto de. Revistas re-vistas: os antropófagos. In: REVISTA DE ANTROPOFAGIA. *Revista de Antropofagia.* Reedição da revista literária publicada em São Paulo, – 1ª e 2ª "dentições" – 1928-1929 (Obra facsimilar). Introdução de Augusto de Campos. São Paulo: Metal Leve, 1976.

CAMPOS, Flávio de. Gallo Capão. In: DOM CASMURRO. Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1939, p.2.

CASTAGNA, Paulo. De volta ao jornalismo musical. In: ANDRADE, Mário. *Música e Jornalismo: Diário de São Paulo*. Pesquisa, estabelecimento do texto, introdução e notas por Paulo Castagna. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1993.

CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade: Exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

CORREIO DA MANHÃ. *Como morreu um galopim eleitoral.* Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1928, p.3,7.

COSTA Oswaldo. Moquem 2. In: *Diário da Manhã*, Victória, 21 de julho de 1929, p.4.

COUTO, José Geraldo; CARVALHO, Mauro Cesar. Biografia. Vida do escritor foi um "vulcão de complicações". In: *Folha de S. Paulo*, Especial-2, Domingo, 26 de setembro de 1993. Acesso em 13 jan. 2014.

COZER, Raquel. Casa de Rui Barbosa abrirá acesso a carta misteriosa de Mário de Andrade. In: *Folha de S. Paulo. Ilustrada.* 15/06/2015 15h36. Acesso em 16 jun. 2015.

CUPERSCHMID, Ethel Mizrahy; CAMPOS, Tarcisio Passos Ribeiro de. Os curiosos xenoimplantes glandulares do doutor Voronoff. In: *Hist. Cienc. Saude – Manguinhos* Vol. 17, no. 13, Rio de Janeiro, July/Sept, 2007.

DECIA, Patricia. Uma carta continua lacrada. In: *Folha de S. Paulo. Ilustrada.* 18/07/1997. Acesso em 14 mar. 2014.

DOM CASMURRO. *A solidão é triste*. Dom Casmurro, Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1939, p.2.

________________. [*Sem título*]. Dom Casmurro, Rio de Janeiro, 12 de agosto de 1939, p.8.

DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo.* São Paulo: Edart-SP Livraria Editôra, 1971.

ELLIS, Havelock. A note on Oscar Wilde. In: *The Lotus Magazine*, Vol. 9, No. 4, (Jan., 1918), pp.191-194.

FERRAZ, Eucanaã. Notícia [quase] filológica. In: PUNTONI, Pedro; TITAN JR., Samuel (Orgs.). *Revista de Antropofagia – Revistas do Modernismo 1922-1929 – Edição Facsimilar.* São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014, pp.11-21.

FONSECA, Maria Augusta. *Oswald de Andrade: Biografia.* 2ª edição. São Paulo: Globo, 2007.

________________. *Por que ler Mário de Andrade*. São Paulo: Globo, 2013.

________________. *Por que ler Oswald de Andrade*. São Paulo: Globo, 2008.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber.* 7ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FUSCO, Rosário. *Cataguases, 27 de novembro de 1927.* Carta de Rosário Fusco a Mário de Andrade, 27/11/1927. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros.

________________. *Cataguazes, 14 de março de 1928.* Carta de Rosário Fusco a Mário de Andrade, 14/03/1928. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros.

GUIMARÃES, Ney. Mário de Andrade, semeador da cultura e da bondade. In: DOM CASMURRO. Rio de Janeiro, 7 de abril de 1945, p.5.

GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX.* Tradução: Cristina Fino, Cássio Arantes Leite. São Paulo: UNESP, 2000.

________________. Challenging national heroes and myths: male homosexuality and Brazilian history. In: *E.I.A.L. Estudios Interdisciplinarios de America Latina y El Caribe.* Volumen 12 – Nº 1. Enero-junio 2001. Ed. Raanan Rein. pp.61-78.

________________. Desafiando heróis e mitos nacionais: homossexualidade nas margens da história brasileira. In: *Simpósio Nacional de História 20.* ANPUH, Florianópolis, julho 1999, p.871-881.

GUARANHA, Denise. [Notas]. In: ANDRADE, Mário; CORREIA, Pio Lourenço. *Pio & Mário: Diálogo da vida inteira. A correspondência entre o fazendeiro Pio Lourenço Correia e Mário de Andrade.* Estabelecimento do texto e notas: Denise Guaranha. São Paulo: Edições SESC, Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2009.

HALPERIN, David M. The normalization of Queer Theory. In: *Journal of Homosexuality* (Harrington Park Press, an imprint of the Haworth Press Inc.) Vol 45, No, 2/3/4, 2003, pp. 339-343.

HELIOS. Chronica Social. O Losango Cáqui. In: *Correio Paulistano.* Domingo 24 de janeiro de 1926, p.6.

IVO, Lêdo. A geração de 1945. In: *Letras e Artes* (Suplemento literário), *A Manhã*, Rio de Janeiro, Domingo, 18-9-1949, p.4,12,14.

________________. A prosa reencontrada. In: *Revista Brasileira*, Fase VII, Julho-Agosto-Setembro 2004, Ano X, Nº. 40, pp.146-157.

________________. Lêdo Ivo declara que não foram os modernistas que descobriram o Brasil [Entrevista]. In: Pronunciam-se os novos sobre o pensamento de Tristão de Athayde. *Letras e Artes* (Suplemento literário), *A Manhã*, Rio de Janeiro, Domingo, 14-9-1947, p.15.

________________. *Lição de Mário de Andrade.* Serviço de Documentação. Ministério da Educação e Saúde. Os Cadernos da Cultura. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1952.

________________. O visitante da noite (Um ensaio sobre João do Rio). In: *Revista Brasileira,* Fase VII, Outubro-Novembro-Dezembro 2008, Ano XV, Nº. 57, pp.53-62.

JARDIM, Eduardo. Ah, Manu, disso só eu mesmo posso falar. In: *Estadão, O Estado de S. Paulo.* 20/6/2015. Acesso em 5 ago. 2015.

________________. *Eu sou trezentos: Mário de Andrade, vida e obra.* Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.

________________. *Mário de Andrade: A morte do poeta.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

________________. Radiometrópolis – entrevista eduardo jardim – 2015-02-25 (16:43). In: *Criador de Macunaíma, modernista Mário de Andrade morria há exatos 70 anos.* <culturafm.com.br>. Fundação Padre Anchieta. Cultura FM 103.3. Áudio entrevista, postado em 25/2/2015, atualizado em 4/3/2015. Acesso em 25 ago. 2015

KLEIN, Marcus. *Our Brazil Will Awake! The Acção Integralista Brasileira and The Failed Quest for a Fascist Order in the 1930s.* Cadernos del CEDLA. Centre for Latin American Research and Documentation. Amsterdam, 2004.

LAFETÁ, João Luiz. A poesia de Mário de Andrade. In: LAFETÁ, João Luiz. *A dimensão da noite e outros ensaios.* (Org. Antonio Arnoni Prado). São Paulo: Duas Cidades, ED. 34, 2004. pp.296-336.

________________. *Figuração da Intimidade: Imagens na poesia de Mário de Andrade*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

________________. *Mário de Andrade: literatura comentada*. São Paulo: Abril, 1982.

LIMA, Estacio de. *A inversão sexual*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1934 [?].

LOPEZ, Telê Porto Ancona. Dona Olivia Multiplicada. In: *Verbo de Minas*, Juiz de Fora. Vol. 11, N. 9, jan/jul 2011, pp.13-36.

________________. *Mário de Andrade: Ramais e Caminho*. São Paulo: Duas Cidades, 1972.

________________. *Mongaguá, 18/12/8*. Carta de Telê Porto Ancona Lopez a Carlos Drummond de Andrade, 12/12/8?. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

________________. O mundo de Mário de Andrade. In: *Teoria e Debate* (Fundação Perseu Abramo). Edição 122, março 2014. Acesso em 14 mar. 2014.

________________. O riso e o ríctus. In: MONTEIRO, Salvador; KAZ, Leonel (Orgs.). *A Imagem de Mário: Fotobiografia de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Edições Alumbramento/Livroarte Editora, 1998.

LUCA, Tania Regina de. O jornal literário *Dom Casmurro*: nota de pesquisa. In: *Históriae*, Rio Grande, 2011, 2(3): 67-81.

MACHADO, Antônio de Alcântara. [Carta a Alceu Amoroso Lima] 15 de maio de 1930. In: SANTIAGO, Silviano. *A República das Letras. De Gonçalves Dias a Ana Cristina César: Cartas de Escritores Brasileiros. 1865-1995*. Seleção, prefácio e notas de Silviano Santiago. XI Bienal Internacional do Livro. Rio de Janeiro, SNEL, 2003.

MEIRELES, Maurício; CAMPOS, Mateus. Casa de Rui Barbosa volta atrás e vai abrir carta secreta de Mário de Andrade na quinta-feira. In: *Globo.com. Livros*. 15/06/2015 15:33. Acesso em 16 jun. 2015.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MILLIET, Sérgio. O poéta Mário de Andrade. In: *Revista do Arquivo* Nº. CVI. Departamento de Cultura. São Paulo: 1946. pp.55-68.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MISS FLIRT. Jardim das vaidades. In: *A Manhã*, Rio de Janeiro, Domingo 28 de julho de 1929, p.5.

MONTEIRO, Pedro Meira. [Notas]. In: MONTEIRO, Pedro Meira (Org.). *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MONTEIRO, Salvador; KAZ, Leonel (Editores). *A imagem de Mário: Fotobiografia de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Edições Alumbramento, Livroarte Editora, 1998.

MORAES, Marcos Antonio de. Introdução e notas. In: ANDRADE, Mário de; BANDEIRA, Manuel. *Correspondência. Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Organização, introdução e notas: Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 2000.

________________. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2007.

NUNES, Benedito. Antropofagia ao alcance de todos. In: ANDRADE, Oswald. *Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias*. Obras Completas – 6. Introdução de Benedito Nunes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1972.

________________. Antropofagia e Surrealismo. In: *Remate de Males*, Campinas – São Paulo (Unicamp). v. 6, 1986.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos 'anormais'. (Universidade de Paris VIII). In: *Revista de Estudos Feministas*. Trad: Cleiton Zóia Mündhow, Viviane Teixeira Silveira (org. 2003). Estudos Feministas, Florianópolis, 19(1):312, janeiro-abril/2011.

QUEIROZ, Rachel de. [Entrevista]. In: MENEZES, Cynara. *Rachel lembra o século*. *Folha Ilustrada*, 4º caderno, São Paulo, 26 de setembro de 1998. Folha de S. Paulo <acervo.folha.com.br>, acesso em 11 set. 2015.

________________. *Tantos anos: Uma biografia*. São Paulo: Siciliano, 1998.

REVISTA DE ANTROPOFAGIA. *Revista de Antropofagia*. Reedição da revista literária publicada em São Paulo, – 1ª e 2ª "dentições" – 1928-1929 (Obra facsimilar). Introdução de Augusto de Campos. São Paulo: Metal Leve, 1976.

REZENDE, Henrique de. Notas de Cataguazes – Idéas Falsas. In: *O Jornal*, Rio de Janeiro. Domingo 7 de abril de 1929, p.2.

________________. Notas de Cataguazes – Nova explicação. In: *O Jornal*, Rio de Janeiro. Domingo 28 de abril de 1929, p.3,12.

RIBEIRO, Ivair Augusto. *O anti-semitismo no discurso integralista no sertão de São Paulo. Os discípulos de Barroso*. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.). *O anti-semitismo nas Américas*: *Memória e história*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2007.

RIBEIRO, Leonídio. *Homosexualismo e endocrinologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1938.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. Prefacio. In: FROTA, Lélia Coelho (Org.). *Carlos & Mário: Correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Tradução e notas, Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SCANTINBURGO, João de. A crise modernista e a Semana de Arte Moderna. In: *Revista Brasileira*, Fase VII, julho-agosto-setembro 2001, Ano VII, No. 28, pp.53-63.

SHOWALTER, Elaine. *Anarquia Sexual: Sexo e cultura no fin de siècle*. Tradução: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Racco, 1993.

SILVEIRA, Joel. Podia ser pior: Fala um tostão. In: *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1939, p.2.

SILVA, Anderson Pires da. *Mário e Oswald: Uma história privada do Modernismo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 5ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro, São Paulo: 2002.